**Um dia a dia normal.**

Aneli é aluna do curso de Saúde Pública da FSP-USP. Ela trabalha de manhã em um laboratório de análises clínicas, como recepcionista, e estuda à tarde em uma jornada que começa às 5 horas da manhã e termina às 20:00 horas, quando finalmente pega seu filho de 5 anos na casa da irmã que cuida dele depois que sua vó, mãe de Anelí o recebe na creche do bairro às 13:30 horas.

Anelí é uma aluna participativa e gosta da perspectiva de ser uma futura sanitarista para defender o sistema universal de saúde como uma política de estado no Brasil. Às vezes fica cansada do seu dia a dia de trabalho e estudos, principalmente quando é semana de seminários e provas com disciplinas cheias de conteúdos.

Vamos saber um pouco de um dia na vida da Anelí.

Ela mora com a mãe e seu filho Marcelo de 5 anos. Aneli se levanta às 5 horas da manhã e já começa a batalha para acordar com dificuldade Marcelo, ajudá-lo a tomar banho, escovar os dentinhos, fazer seu café com o leite achocolatado que ele gosta muito, tipo toddynho, o pão com queijo e, uma luta enorme para que ele coma pelo menos uma fruta, tipo uma maça. Bom, ela fica tranquila com isso, pois sabe, ou imagina, que na creche ele vai comer a merenda oferecida pelo setor público.

Está atrasada para pegar o ônibus e depois o metrô para chegar ao laboratório onde trabalha com a jornada que começa às 7:00hrs. Também toma seu banho, escova os dentes, faz uma escova rápida nos cabelos para manter o tratamento que fez na D Marta do salão na última semana e corre, deixando Marcelo aos cuidados da mãe para levá-lo à creche. Sua mãe, D Sonia, também trabalha em uma Casa de Repouso para idosos. Atua como técnica de enfermagem, com turno de seis horas todos os dias.

O trabalho no laboratório é novo, pois o último ela teve que deixar durante a pandemia de COVID 19. D. Sônia, com os riscos de transmissão para os idosos de quem cuidou na clínica e para a família, tomou a decisão de aceitar um convite de uma amiga de trabalho para passar uns tempos em sua casa. A creche de Marcelo fechou e, para cuidar dele e, também, evitar riscos maiores ela deixou o emprego. Tempos muito difíceis! Aneli acompanhou as aulas “online” da faculdade, mas o sinal de internet sempre estava oscilando, dificultando tudo. A universidade, e alguns professores, pareciam não entender seu dilema e de tantas mães alunas. Marcelo precisava de maior presença para as brincadeiras e primeiros aprendizados em casa. Aneli assistiu muita gente de seu bairro adoecer e morrer e, mesmo com medo e necessidades, ajudou nas orientações e apoio para muitos vizinhos. A UBS, sob a orientação da Secretaria de Saúde do Município, diminuiu os atendimentos domiciliares da Atenção Primária e ESF e focou no atendimento de casos suspeitos, encaminhamentos para a rede de apoio de média e alta complexidade e, também, na vacinação. Aneli ficou perplexa quando percebeu que muitos de seus amigos e familiares eram contra a vacina e tentou, todo o tempo, atuar de forma voluntária nas campanhas de vacinação no bairro, bem como sobre o uso de máscaras, lavagem de mãos, álcool em gel, etc. Em uma aula de políticas de saúde e enfrentamento da pandemia, ela levantou a contradição de protocolos de segurança sanitária frente às questões de desigualdade e vulnerabilidade presentes, por exemplo, na sua comunidade. Foi uma discussão intensa e demonstrou, para ela e colegas, a complexidade da formação e atuação dos sanitaristas. Ela teve medo pelo Marcelo, sua mãe e irmã e, também, sua avó que morava perto. Tentou ajudá-la, mas D. Alzira faleceu, depois de uma semana de internação em um hospital de campanha instalado na região. Ela se culpa um pouco. Todos na família tiveram COVID 19, mas, como ela explicou aos amigos que encontrou, finalmente, na Virada Cultural, todos se vacinaram e, por isso, tiveram um quadro mais ou menos leve. Parece que tudo passou, ou não? Aneli ainda não sabe, continua usando máscara no trabalho e no transporte público.

O bairro de Aneli e sua família é sua casa. Ela nasceu e cresceu por ali e, apesar de seus poucos anos, já assistiu mudanças significativas no entorno. Um trecho de uma rodovia estadual atravessou parte do seu território e trouxe muito movimento de novas moradias, comércio, formal e informal, pequenas fábricas de móveis e, para surpresa dos antigos moradores, agora estão construindo um enorme galpão que será para o armazenamento de produtos de uma importante importadora de medicamentos. A opinião se divide, alguns acham que será bom para o bairro, com novos empregos e modernização, já outros entendem que as mudanças podem causar novos problemas para todos, questões de água, esgoto, movimento de pessoas etc.

Quem trás essas discussões para casa é a D. Sônia, que é representante dos moradores no Conselho Gestor da UBS do bairro. O conselho, junto com a equipe da ESF local e coordenação do serviço, tem levantado algumas discussões sobre falta de água, lixo nas ruas, acúmulo de água parada nas ruas e outras questões de saúde pública que percebem depois das mudanças no bairro nos últimos anos. Parece que tem um pessoal das vigilâncias agora lá. Quem sabe! A coordenadora da UBS é uma sanitarista! Aneli fica feliz com essa imagem futura de possibilidade profissional.

Anelí passa a manhã agendando os exames laboratoriais de clientes e, mesmo não sendo a sua função, auxilia no encaminhamento das coletas de sangue, urina e fezes para o setor de análise clínica e, também, ajuda a verificar o funcionamento dos equipamentos de imagem e a repor materiais como seringas, garrotes, frascos etc.

Ao fim do expediente corre para o metrô que a leva até à FSP, tem que chegar a tempo para o almoço no bandeijão da faculdade, que aliás gosta muito e parece ter uma alimentação balanceada. Quase esqueceu de parar na farmácia para comprar o medicamento que o pediatra de Marcelo receitou em sua última consulta na UBS do bairro onde mora. Ele faz seu acompanhamento de crescimento e toma as suas vacinas lá. Na última vez Marcelo estava com dificuldade respiratória e o medicamento receitado não estava disponível na farmácia da UBS. D. Sônia acha que o quadro de Marcelo foi causado pela poeira que sai de mais uma fábrica de móveis que se instalou vizinha da creche e, pelo que viu passando em frente, não tem proteção nem para os seus trabalhadores. Conversa com o farmacêutico, ele lhe orienta sobre a medicação e seus possíveis efeitos adversos, o medicamento pode dar sonolência e eventualmente enjoos na criança e, caso ocorra, orienta Aline a procurar o pediatra para que ele possa notificar a ocorrência.

Aneli confia na UBS do bairro, fez seu pré-natal por lá e, o parto de Marcelo foi um bom parto normal em um hospital público da região que ela teve acesso pela rede de saúde materna.

Ufa, pronto chegou ao belo jardim da FSP. Encontra seus amigos para bandeijar, almoça, conversa e relaxa da manhã, não sem antes ligar para a irmã para saber se Marcelo está bem e se já almoçou e recomendar que não como muitas “besteiras” como balas, suquinhos, geladinhos, chocolates, etc. A irmã gosta de mimar Marcelo com essas guloseimas.

Aneli, hoje tem aula de Políticas e quem dará a aula é a Cristina. Ela vai abordar o tema de Atenção Primária com ênfase nas Vigilância Sanitária. Aneli senta meio sonolenta, a energia “baixou” depois da correria desde as 5 horas da manhã e pensa “Tomara que a aula não seja tão chata e termine cedo! Assim, posso chegar mais cedo no metrô e não pegar a “dança dos pinguins” até a linha amarela. Quem sabe posso até adiantar a minha tatuagem com o nome do Marcelo lá na Pink Blue, novo salão de tatuagens do bairro. Tomara!!”

Cristina entra, cumprimenta a todos, apresenta o tema e pergunta: **“Como vocês pensam que a vigilância sanitária e outras vigilâncias atuam no seu dia dia e nos territórios em que vivem?!?”**

**Aneli ajeita-se na cadeira e pensa: “E como vou saber?? Que louca esta mulher!!!”**

**Essa história é uma ficção, bem como seus personagens, mas bem que poderia ilustrar um dia de todos nós, não é??**